

mentar e não queria sujeitar-se a isso. Sem saída, deixou suas altas funções. Assumiu-as Pedro de Araújo Lima, em 1837, propenso às acomodações e por isso muito mais útil na fase de composição de ampla frente conservadora. As forças regressistas articulavam-se para, derrotando o liberalismo rebelado, constituir um poder mais forte, capaz de ser realmente imposto ao país.

O setor mais importante da imprensa da época viria a ser, com as rebeliões, o que estava ligado, às províncias, aos movimentos que nelas surgiram. Guardando cada um características regionais ou locais, revelavam, como traço geral, a resistência ao *regresso* conservador que modelaria o segundo Império. Se, em cada uma das províncias conflagradas, a imprensa local denunciou os aspectos fundamentais das lutas políticas e nelas influiu, parece inequívoco que a imprensa pernambucana, quando da revolução Praieira, foi aquela que melhor situou e refletiu os traços gerais da época. Em todas encontrou-se, entretanto, o sulco profundo dos papéis impressos, o clarão das pregações, a nota das idéias que buscavam multiplicar influências, abalar situações, mobilizar a opinião. É surpreendente que a história desses movimentos de rebeldia não tenha aproveitado, até agora, e via de regra, esse material informativo extraordinariamente rico e esclarecedor — o dos jornais. Isso comprova apenas que, na verdade, a história das rebeliões da Regência está por ser escrita. E precisa ser escrita, aproveitando o manancial dos jornais da época, os das províncias e os da Corte, estes para mostrar o eco e repercussão e reações que nela encontravam os acontecimentos distantes.

Ao Rio Grande chegavam também as conseqüências do que se passava na Corte; ali se repetia, como nas outras províncias, a luta entre conservadores e liberais de esquerda e de direita, aqueles com a ala extremada dos restauradores, entre a abdicação e a morte de D. Pedro. O *Inflexível*, redigido pelo panfletário português Joaquim José de Araújo, era o órgão dessa facção. Professava odiosa campanha contra os sentimentos nativistas da gente local e combatia violentamente a federação e a república, reformas que andavam no espírito de muitos sulinos. No *Noticiário*, Francisco Xavier de Oliveira profetizava grandes lutas. No *Constitucional Rio-Grandense*, Pedro José de Almeida, o agitado e gordo Pedro Boticário, defendia a reforma federativa. No *Recopilador Liberal*, Magalhães Calvet clamava: “Os brasileiros, verdadeiros amigos de sua pátria, não querem a guerra civil, querem a federação; o que não convém à caterva infame dos caramurus traidores, nem à fingida moderação; porque sendo feita aquela, ficam burlados os planos de uns e outros”. Tito Lívio Zambeccari, que começara escrevendo no *Continentino*, órgão moderado, passaria a fazê-lo em O